



Além da IA: comunicação, política e o desafio de priorizar pessoas

Kefreen Batista (*)

O jovem Herschel, em seu observatório no Hemisfério Sul, já fez as descobertas mais extraordinárias em cada planeta de nosso sistema solar. Obteve uma visão distinta dos objetos na Lua e resolveu afirmativamente a questão de se este satélite é habitado, e por que ordem de seres. Palavras mais, palavras menos, este foi o primeiro parágrafo que milhares de estadunidenses leram no jornal The Sun de Nova York em 25 de agosto de 1835.

A trama continuou com elementos mais ou menos inviáveis: homens-morcego e paisagens exóticas. Mais tarde seria revelado que estas reportagens foram uma estratégia de vendas e algo mais icônico: a primeira fake news da história. Hoje, 190 anos depois, apesar de todas as mudanças e com a tecnologia liderando o avanço, encontramo-nos, paradoxalmente, diante de um dilema similar: devemos confiar naquilo que ouvimos, lemos ou vemos nas diversas plataformas de conteúdo?

Os cenários eleitorais e políticos costumam ser uma usina de mensagens, e é necessário retomar este questionamento diariamente. O Brexit no Reino Unido, as eleições presidenciais em diferentes latitudes como Brasil e Estados Unidos, são exemplos que colocaram em xeque o papel das empresas jornalísticas, comunicadores e profissionais que geram notícias ou conteúdos informativos, e os consumidores de mídia que por meio de suas plataformas funcionam como caixa de ressonância.

Não obstante, em tempos da revolução 4.0, a acessibilidade generalizada a ferramentas impulsionadas por inteligência artificial desfoca ainda mais a fronteira entre o real e o fictício, o que implica diversos riscos ao buscar informação. Um dado é caldo de cultivo: a Amazon Web Services (AWS) revelou que 57% dos conteúdos da web são gerados por IA.

Além das distintas instâncias de debate público que possam ser realizadas para conscientizar sobre a maneira que temos de nos informar, os principais responsáveis por expor os impactos positivos e negativos da tecnologia ao comunicar são, justamente, as empresas tecnológicas.

A Globant tomou cartas no assunto: por intermédio do fundo corporativo Globant Ventures busca mitigar os efeitos negativos da tecnologia e investiu em empresas que ajudam a traçar o controle das notícias, para descobrir quais são reais e quais são falsas.

(*) VP de Tecnologia da Globant.

O futuro do trabalho físico na era digital: ameaça ou reinvenção?

Com a automação e a exclusão digital avançando, o trabalhador físico enfrenta desafios inéditos e urgentes em meio à transformação tecnológica

A digitalização acelerada da economia global tem modificado não apenas os modelos de negócios, mas também a natureza das profissões, sobretudo daquelas ligadas ao trabalho físico. Com a popularização da inteligência artificial, da automação industrial e de recursos digitais, funções que antes dependiam exclusivamente da força humana estão sendo substituídas por máquinas e sistemas inteligentes. De acordo com a Central Única dos Trabalhadores (CUT), os impactos das tecnologias digitais já provocam desemprego estrutural, aumento da informalidade e ampliação da desigualdade no Brasil. A chamada "revolução 4.0" chegou sem pedir licença, e muitos ainda tentam entender como reagir a ela.

Essas mudanças afetam especialmente os trabalhadores que atuam em setores como logística, construção civil, agropecuária e manufatura, profissões que envolvem atividades repetitivas, mecânicas e, portanto, mais suscetíveis à automação. "A tecnologia tem um lado transformador e necessário, mas também pode ser cruel com quem não teve as mesmas oportunidades de formação ou acesso à informação", comenta João Ferrari, CEO da Nutrafit Suplementos e especialista em gestão e produtividade no varejo. "Estamos vendendo uma



Essas mudanças afetam especialmente os trabalhadores que atuam em setores como logística, construção civil, agropecuária e manufatura.

parte significativa da força de trabalho sendo deixada para trás."

O conceito de "exclusão digital" ganha contornos ainda mais graves nesse contexto. Trabalhadores manuais frequentemente não têm acesso a dispositivos tecnológicos, internet de qualidade ou formação para utilizar ferramentas digitais básicas. Isso os afasta não só de oportunidades de capacitação, mas também de processos seletivos, serviços públicos, plataformas de emprego e até direitos trabalhistas em ambientes digitais. "O Brasil tem um problema crônico: enquanto falamos em inteligência artificial, milhares de brasileiros ainda não têm nem conectividade básica. Isso afeta principalmente quem trabalha com o corpo, com a prática", afirma João.

Além da automação tradicional, o avanço das plataformas digitais, como aplicativos de transporte, entrega e serviços gerais, criou uma nova categoria de trabalhador: o autônomo digitalizado. Apesar de apresentar autonomia, esse modelo frequentemente vem acompanhado de precarização, ausência de direitos trabalhistas e renda variável. Segundo estudos publicados na Revista Estudos Avançados da USP, essa "uberização" do trabalho transfere riscos para o trabalhador e reforça a instabilidade do emprego físico em tempos digitais.

João Ferrari observa que o setor varejista, por exemplo, já sente os efeitos diretos dessas mudanças. "Antes, o atendente era o coração da loja. Hoje, em muitas redes, você tem totens de auto-

tendimento e inteligência artificial fazendo sugestões de compra. Isso muda tudo, do perfil de contratação ao treinamento. E se o trabalhador físico não for incluído no processo de transição, ele será descartado", alerta.

Entretanto, o futuro do trabalho físico não precisa, necessariamente, ser distópico. Governos, empresas e instituições educacionais têm um papel crucial na mitigação dos efeitos dessa transformação. Investimentos em educação tecnológica, inclusão digital, requalificação profissional e apoio psicológico são fundamentais para adaptar esse público às novas exigências do mercado.

Na avaliação de João Ferrari, a saída passa por responsabilidade social e visão de longo prazo. "Quem lidera empresas precisa entender que a tecnologia não pode andar sozinha. Ela precisa incluir, educar e capacitar. É nosso dever criar pontes entre o físico e o digital", relata.

Ainda que a tecnologia seja inevitável, ela não precisa ser excludente. O desafio está em redesenhar as estruturas sociais e produtivas para garantir que o avanço digital seja sinônimo de progresso para todos, inclusive para quem carrega o país nas costas, com suor, dedicação e trabalho físico.

Quem são os especialistas que mantêm o comércio funcionando mesmo em tempos instáveis?

Combinando visão internacional e execução logística, o especialista em Negócios Internacionais e o profissional de Tecnologia em Logística são capacitados para lidar com instabilidade e tomar decisões corretas, mesmo diante de mudanças repentinas e constantes

Com os últimos acontecimentos no cenário internacional, que incluem mudanças em governos estratégicos, reconfiguração de blocos econômicos e crescente tensão diplomática em diversas regiões, o mundo dos negócios opera em clima de instabilidade, e a incerteza tornou-se um componente estrutural da economia global. Nesse contexto, empresas enfrentam desafios cada vez maiores para garantir o fluxo de mercadorias, manter acordos logísticos e tomar decisões estratégicas com segurança.

O que pode parecer, à primeira vista, um problema de alta política ou diplomacia, tem impactos muito concretos no cotidiano corporativo: aumento de custos operacionais, escassez de insumos, mudanças tarifárias repentinas e risco de ruptura em cadeias produtivas inteiras. E é justamente nesses momentos que dois perfis profissionais passam a ser fundamentais para a sustentabilidade e o crescimento dos negócios: o especialista em Negócios Internacionais e o profissional de Tecnologia em Logística.

O profissional de Negócios Internacionais é treinado para interpretar cenários globais com base em uma combinação de dados econômicos,

políticos e culturais. Durante a formação, desenvolve ferramentas para lidar com indicadores como variação cambial, risco-país, inflação, decisões de bancos centrais e acordos multilaterais. Mais do que isso: aprende a antecipar movimentos de mercado e a lidar com informações complexas em tempo real.

"Esses profissionais atuam como tradutores do cenário internacional para o contexto da empresa. São eles que conseguem responder rapidamente a perguntas como: o que pode mudar nas próximas semanas? Estamos preparados para isso? E como essa mudança afeta nossos parceiros e fornecedores?", explica o professor Dr. Davi Lucas Arruda de Araújo, docente do Centro Universitário Senac Santo Amaro.

Além da bagagem técnica, a atuação exige competências comportamentais, como resiliência, pensamento crítico, fluência em línguas estrangeiras e sensibilidade cultural para negociar com diferentes países. A atualização constante, inclusive, é considerada essencial: "O profissional precisa ter abertura para o novo, acompanhar tendências e manter a curiosidade intelectual viva", diz o professor.

Mas não basta interpretar o cenário; é preciso agir com rapidez e eficiência. É nesse momento que entra o profissional de Tecnologia em Logística, responsável por planejar, adaptar e executar rotas alternativas, reorganizar estoques, evitar rupturas na cadeia de suprimentos e manter o

desempenho operacional, mesmo em meio ao caos.

"Durante a pandemia e em momentos de guerra comercial, vimos como as empresas que contavam com profissionais de logística preparados conseguiram reagir de forma mais rápida e eficaz", afirma o professor Alexandre Rodarte Cintra, também do Centro Universitário Senac. "Hoje, a logística não é mais apenas operacional, ela é estratégica."

O uso de tecnologias como inteligência artificial, big data, rastreamento em tempo real e sistemas de gestão integrada (TMS e WMS) permite que esses profissionais tomem decisões baseadas em dados e respondam com agilidade às variações do mercado. Plataformas de business intelligence (BI) e integração digital com parceiros logísticos tornaram-se ferramentas indispensáveis.

Dados que comprovam a relevância. Segundo o mercado de seguros Lloyd's of London, a economia global poderá sofrer perdas de 14,5 trilhões de dólares em um período de cinco anos devido a um hipotético conflito geopolítico que atinja as cadeias de suprimentos.

Esses dados confirmam o que o mercado já percebe: cada decisão internacional pode afetar diretamente o que chega às prateleiras, os preços dos produtos e o desempenho financeiro das empresas. E é nesse cenário de alta complexidade que os especialistas em Negócios Internacionais e Logística se destacam como peças-chave para a estabilidade e o sucesso.